

APRESENTAÇÃO

É com imensa alegria que apresentamos a nova edição da Revista OPSIS intitulada *Descolonizar as Ciências Humanas: Campos de Pesquisa, Desafios Analíticos e Resistências* Parte 1 – Volume 16, n. 1, 2016 (jan./jun. 2016).

A escolha deste tema para o presente Dossiê deu-se a partir dos debates e perspectivas de atuação em rede desenvolvidos no XIII Congresso Espanhol de Antropologia (Tarragona-ES, 2014), no âmbito das conversações do Simpósio Temático “Antropología y descolonialidad. Desafíos etnográficos y descolonización de las metodologías”.

Os debates pós-coloniais destacaram o lugar da ciência como um modo particular de construir o conhecimento e, a partir deles, desenvolveram-se novas perspectivas que orientam o fazer das Ciências Sociais e Humanas, não só para a importância do valor da diversidade cultural, mas também para a necessidade e busca de métodos e práticas que determinam a importância do tema da diversidade na epistemologia destes saberes no próprio conhecimento, em suas construções e nos modos de produzi-lo. À globalidade de uma cultura-mundo neoliberal e pós-moderna que se arroga valores universais, outras existências se mantêm nas margens e produzem mundos gerados na experiência particular e compartilhada da colonialidade no Sul global. Bem sabemos que as transformações de alcance “global” acontecem num mundo que é produto histórico de um desenvolvimento regional diferencial, que adquire hoje uma expressão de colonialidade global. A emergência de multitudes de fenômenos locais, que fazem tanto dos entornos urbanos, como agrários, localizações de visibilização das ausências impostas pelas dinâmicas da colonialidade, constituem um desafio para as Ciências Sociais e Humanas e a descolonialidade em sua ampla diversidade plástica.

As novas perspectivas críticas das Ciências Sociais e Humanas partem da evidência da produção histórica de uma diferença colonial cujo objeto é sujeitar formas de vida diferentes, invisibilizar sua existência, e suas formas de conhecimento e cosmovivências.

Os artigos selecionados revelam um universo de pesquisa multifacetado com análises, ambiências e perceptivas diversas, provenientes de diferentes regiões planetárias.

“La indigenización de las Ciencias Sociales en Túnez. ¿Una ruptura epistemológica frente al conocimiento hegemónico y universal?”, de Paula Durán Monfort, traz as rupturas epistêmicas presentes da virada descolonial no saber das Ciências Sociais na Tunísia, com suas novas dimensões árabe-muçulmanas contrapostas aos saberes e discursos ocidentais.

No artigo “Os sentidos da descolonização: uma análise a partir de Moçambique”, Maria Paula Meneses desenvolve uma abordagem da epistemologia descolonial a partir do continente africano, em particular Moçambique, que objetiva a reconsideração de conceitos e racionalidades não eurocêntricos para que se viabilizem novos sentidos e paradigmas do conhecimento em Ciências Sociais.

Em “Etnografía del lugar: hacia una práctica intersubjetiva de conocimiento y defensa del territorio indígena”, Raúl Riol Gala analisa as cosmologias descoloniais das culturas

amazônicas Awajún e Wampis, na região de Cenepa, no Perú, relacionando a resistência cultural e as lutas pela manutenção de territórios tradicionais às possibilidades de uma Antropologia intersubjetiva.

Iván Perriáñez Bolaño apresenta, no texto “Traduzindo *Atfal/Bnat El Ghiwane* como conhecimento situado da ecología de saberes em Marrocos”, as potencialidades de avanço social, de rompimento de silenciamentos e do enfrentamento de processos sociais de exclusão construídas por jovens de famílias rurais ao utilizarem práticas de comunicação próprias e formas musicais “Gnawa” e “Ghiwane” na região de Tanger, Marrocos.

“Características e dinâmica de um ecossistema de saberes na área universitária em Lisboa”, de Edorta Camino Escuro, aborda os processos de globalização na educação numa comunidade lusófona lisboeta a partir da mobilidade internacional de estudantes africanos com seus valores, culturas, conhecimentos e epistemologia do sul e da aplicabilidade do conceito de ecologia de saberes.

O artigo “La gestión de recursos naturales en la Sierra de Santa Marta en Veracruz (México). Un ejemplo de colaboración intercultural e de(s)colonial para la sustentabilidad de los Pueblos Indígenas de Mesoamérica”, de Jesús Moreno Arriba, apresenta um estudo etnográfico sobre os processos de manejo e de gestão dos recursos ambientais realizados pelas Culturas Nahuas e Popolucas visando a compreensão de experiências e modelos de sustentabilidade alternativos e emergentes voltados para o etnodesenvolvimento.

Em “As políticas patrimoniais da UNESCO na geopolítica de colonialidades globais e a emergência de novos sentidos de interculturalidade do patrimônio na Andaluzia” Ángeles Castaño Madroñal e Elodia Hernández León investigam as políticas de patrimônio instituídas no âmbito da UNESCO para compreender o “jogo entre as colonialidades” cotejando as políticas de identidade, as dissimetrias e as resistências, de um lado, e, os usos econômicos, a mercantilização e a espetacularização midiática e turística, de outro. Apresentam a questão da propriedade pública da Mesquita-Catedral de Córdoba, Andaluzia, como exemplo de interculturalidade dos patrimônios partilhados.

No artigo “Combates alencarianos pela descolonização literária e cultural brasileira” Valdeci Rezende Borges revela os contextos políticos, intelectuais, culturais e linguísticos que, na segunda metade do século XIX, assinalavam as perspectivas descoloniais presentes na produção literária brasileira. Frente à recepção crítica da literatura brasileira em Portugal, José de Alencar indicava a peculiaridade e a diferença de estilo da produção brasileira “do lado de cá do Atlântico”.

“A justiça sob a ótica do invisível ou a ‘fala’ da injustiça em Graciliano Ramos”, de João Paulo Ayub, aborda a linguagem poética na autobiografia analisada. A partir dos estudos culturais e da hermenêutica filosófica apresentam-se as questões da linguagem, da violência e do silenciamento.

Gil Vieira Costa, em “Arte e artista em transição: história da arte, contemporaneidade artística e descolonialidade”, expõe, a partir do estudo de caso do artista José Pires Rego e suas pinturas e performances, nos anos 1970, no circuito artístico da região norte do Brasil, em particular o da cidade de Belém, no Pará, a correlação entre história da arte e

contemporaneidade, práticas artísticas e comportamentos que se efetivam na epistemologia descolonial e em contextos de interação transnacional.

Encerramos o primeiro volume do Dossiê com “Póscolonialismo na Antiguidade: Druidas nos Discursos Coloniais Romanos”, em que Nelson de Paiva Bondioli investiga as procedências antigas do paradigma pós-colonial, em particular a relação de dominação e as resistências dos Celtas da Gália frente à sujeição imperial romana e sua contradição na abordagem da religiosidade celta.

Na Seção de Artigos Livres, “Cidade, Trabalhadores e Alfabetização – Um estudo sobre alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de Marechal Cândido Rondon – PR”, de autoria de Jiani Fernando Langaro, analisa os contextos, as transformações e os impactos do processo de alfabetização de trabalhadores jovens e adultos a partir de suas narrativas e vivências urbanas sobre o letramento.

Por fim, Amailton Azevedo, no artigo “O Canto dos Escravos”: heranças centro-africanas na música contemporânea do Brasil”, avalia histórica e esteticamente a gravação dos vissungos dos escravizados mineiros do século XVIII como símbolos de resistência e registro histórico da africanidade brasileira em “O Canto dos Escravos” por Geraldo Filme, Clementina de Jesus e Doca, no início dos anos 80 do século XX.

A multiplicidade de contribuições apresentadas, com suas procedências continentais diversas, demonstra a riqueza metodológica e analítica do paradigma descolonial. Neste sentido, permite-nos outros instrumentos de luta, resistência e enfrentamento das novas e velhas formas de dominação política, cultural e epistemológica.

JANEIRO DE 2016

ÁNGELES CASTAÑO MADROÑAL (UNIVERSIDADE DE SEVILHA)

JOSÉ LUÍS SOLAZZI (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REG. CATALÃO)

JUAN CARLOS GIMENO MARTIN (UNIVERSIDADE DE MADRI)

PRESENTACIÓN

Con inmensa alegría presentamos la nueva edición de la Revista OPSIS titulada *Descolonizar las Ciencias Humanas: Campos de investigación, Desafíos Analíticos y Resistencias* Parte I – Volumen 16, n. 1, 2016 (enero-junio 2016).

La opción de este tema para el presente Dossier se dio a partir de los debates y perspectivas de actuación en red desarrollados en el XIII Congreso Español de Antropología (Tarragona-ES, 2014), en el ámbito de las conversaciones del Simposio Temático “Antropología y descolonialidad. Desafíos etnográficos y descolonización de las metodologías”.

Los debates poscoloniales destacaron el lugar de la ciencia como un modo particular de construir el conocimiento y, a partir de ellos, se desarrollaron nuevas perspectivas que orientan el trabajo de las Ciencias Sociales y Humanas, no sólo para la importancia del valor de la diversidad cultural, sino también para la necesidad y la búsqueda de métodos y prácticas que determinan la importancia del tema de la diversidad en la epistemología de estos saberes en el propio conocimiento, en sus construcciones y en las formas de producirlo. Para la globalidad de una cultura-mundo neoliberal y posmoderna que se atribuye valores universales, otras existencias se mantienen al margen y producen mundos generados en la experiencia particular y compartida de la colonialidad en el Sur global. Bien sabemos que las transformaciones de alcance “global” ocurren en un mundo que es producto histórico de un desarrollo regional diferencial, que adquiere en la actualidad una expresión de colonialidad global. La emergencia de multitudes de fenómenos locales, que hacen tanto de los entornos urbanos, como agrarios, localizaciones de visibilización de ausencias impuestas por las dinámicas de la colonialidad, que constituyen un reto para las Ciencias Sociales y Humanas y la descolonialidad en su amplia diversidad plástica.

Las nuevas perspectivas críticas de las Ciencias Sociales y Humanas parten de la evidencia de la producción histórica de una diferencia colonial, cuyo objetivo es dominar formas de vida diferentes, hacer visible su existencia y sus formas de conocimiento y cosmovivencias.

Los artículos seleccionados revelan un universo de investigación multifacético con análisis, ambientes y perspectivas diversas, oriundos de diferentes regiones planetarias.

“La indigenización de las Ciencias Sociales en Túnez: ¿Una ruptura epistemológica frente al conocimiento hegemónico y universal?”, de Paula Durán Monfort, trae las rupturas epistémicas presentes de la virada descolonial sobre el saber de las Ciencias Sociales en Túnez, con sus nuevas dimensiones árabe-musulmanas contrapuestas a los saberes y discursos occidentales.

En el artículo “Los sentidos de la descolonización: un análisis desde Mozambique”, Maria Paula Meneses desarrolla un enfoque de la epistemología descolonial partiendo del continente africano, particularmente Mozambique, que tiene el objetivo de reconsiderar conceptos y racionalidades no eurocéntricos para que se posibiliten nuevos sentidos y paradigmas del conocimiento en Ciencias Sociales.

En “Etnografía del lugar: hacia una práctica intersubjetiva de conocimiento y defensa del territorio indígena”, Raúl Riola Gala analiza las cosmologías descoloniales de las culturas

amazónicas Awajún y Wampis, de la región de Cenepa, en Perú, relacionando la resistencia cultural y las luchas por la preservación de territorios tradicionales ante la posibilidad de una Antropología intersubjetiva.

Iván Periañez Bolaño presenta, en el texto “Traduziendo *Atfal/Bnat*: el Ghiwane como conocimiento situado de la ecología de saberes en Marruecos”, las potencialidades del avance social, de rupturas de silenciamientos y del enfrentamiento de procesos sociales de exclusión construidas por jóvenes de familias rurales al utilizar prácticas de comunicación propias y formas musicales “Gnawa” y “Ghiwane” en la región de Tánger, Marruecos.

“Características y dinámica de un ecosistema de saberes en el área universitaria en Lisboa”, de Edorta Camino Escuro, enfoca los procesos de globalización en la educación de una comunidad lusófona lisboeta desde la movilidad internacional de estudiantes africanos con sus valores, culturas, conocimientos y epistemología del Sur y de la aplicabilidad del concepto ecología de saberes.

El artículo “La gestión de recursos naturales en la Sierra de Santa Marta en Veracruz (México): Un ejemplo de colaboración intercultural y de(s)colonial para la manutención de los Pueblos Indígenas de Mesoamérica”, de Jesús Moreno Arriba, presenta un estudio etnográfico sobre los procesos de manejo y de gestión de los recursos ambientales realizados por las Culturas Nahuas y Popolucas considerando la comprensión de experiencias y modelos de sostenibilidad alternativos y emergentes orientados al etnodesarrollo.

En “Las políticas patrimoniales de la UNESCO en la geopolítica de colonialidades globales y la emergencia de nuevos sentidos de interculturalidad del patrimonio en Andalucía” Ángles Castaño Madroñal y Elodia Hernández León investigan las políticas de patrimonio instituidas en el ámbito de la UNESCO para comprender el “juego entre las colonialidades”, cotejando las políticas de identidad, las disimetrías y las resistencias, por un lado, y los usos económicos, la mercantilización y la espectacularización mediáticas y turísticas, por otro. Presentan la cuestión de la propiedad pública de la Mezquita-Catedral de Córdoba, Andalucía, como ejemplo de interculturalidad de los patrimonios compartidos.

En el artículo “Combates alencarianos por la descolonización literaria y cultural brasileña” Valdeci Rezende Borges revela los contextos políticos, intelectuales, culturales y lingüísticos que, en la segunda mitad del siglo XIX, señalaban las perspectivas descoloniales presentes en la producción literaria brasileña.

Ante la recepción crítica de la literatura brasileña en Portugal, José de Alencar indicaba la peculiaridad y la diferencia de estilo de la producción brasileña “en este lado del Atlántico”.

“La justicia bajo la óptica de lo invisible o el ‘habla’ de la injusticia en Graciliano Ramos”, de João Paulo Ayub, toma como foco el lenguaje poético en la autobiografía analizada. Desde los estudios culturales y de la hermenéutica filosófica se presentan las cuestiones del lenguaje, de la violencia y del silenciamiento.

Gil Vieira Costa, en “Arte y artista en transición: historia del arte, contemporaneidad artística y descolaniedad”, expone, a partir del estudio de caso del artista José Pires Rego y sus pinturas y performances, en los años 70, en el circuito artístico de la región norte de Brasil, en particular el de la ciudad de Belém en Pará, la correlación entre historia de arte

y contemporaneidad, prácticas artísticas y comportamientos que se concretizan en la epistemología descolonial y en contextos de interacción transnacional.

Encerramos el primer volumen del Dossier con “Poscolonialismo en la Antigüedad: Druidas en los Discursos Coloniales Romanos”, en el que Nelson de Paiva Bondioli investiga las procedencias antiguas del paradigma poscolonial, en particular la relación de dominio y las resistencias de los Celtas de las Galias ante la sujeción imperial romana y su contradicción en el enfoque de la religiosidad celta.

En la Sección de Artículos Libres, “Ciudad, Trabajadores y Alfabetización – Un estudio sobre alumnos de la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) de Marechal Cândido Rondon – PR”, de autoría de Jiani Fernando Langaro, se analizan los contextos, las transformaciones y los impactos del proceso de alfabetización de trabajadores jóvenes y adultos a partir de sus narrativas y experiencias urbanas en el *letramento* (alfabetización).

Finalmente, Amailton Azevedo, en el artículo “El Canto de los Esclavos’: herencias centro-africanas en la música contemporánea de Brasil”, examina histórica y estéticamente la grabación de los vissungos de los esclavizados mineros del siglo XVIII como símbolos de resistencia y registro de la africanidad brasileña en “El Canto de los Esclavos” por Geraldo Filme, Clementina de Jesus y Doca, a inicios de los años 80 del siglo XX.

La multiplicidad de contribuciones presentadas, con sus procedencias continentales diversas, demuestra la riqueza metodológica y analítica del paradigma descolonial. En este sentido, nos permite otros instrumentos de lucha, resistencia y enfrentamiento de las nuevas y viejas formas de dominación política, cultural y epistemológica.

ENERO DE 2016

ÁNGELES CASTAÑO MADROÑAL (UNIVERSIDAD DE SEVILLA)

JOSÉ LUÍS SOLAZZI (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REGIONAL CATALÃO)

JUAN CARLOS GIMENO MARTIN (UNIVERSIDAD DE MADRID)*

* Tradução ao espanhol Profa. Dra. Sara Guiliana Gonzales Belaonia, Professora adjunta I do Departamento de Línguas Estrangeiras/ Espanhol da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG)/ Tradutor de Português/ Espanhol da Divisão de Periódicos da UFG (CEGRAF/ UFG).